

## **ENSINO DA MATEMÁTICA E PRÁTICA DOCENTE: Memórias escolares da tabuada em narrativas de idosos(as)**

José Jorge Casimiro dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – [jorge.cassimiro14@gmail.com](mailto:jorge.cassimiro14@gmail.com)  
Zélia Maria de Arruda Santiago  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – [zeliasantiago@yahoo.com.br](mailto:zeliasantiago@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O aumento da população idosa é uma realidade no cenário mundial, igualmente, no contexto brasileiro que em 2030 atingirá um percentual de 20%, em muitos países europeus 80% da sua população será idosa em 2050. A sociedade brasileira preocupa-se com suas demandas socioculturais, especialmente educacionais, pois muitos idosos sequer possuem a formação escolar básica. Atualmente, muitos retornam a sala de aula, deparando-se com práticas pedagógicas distantes de suas experiências escolares, por isso, desestimulados na disciplina de Matemática, pois desejam estudar as operações básicas na tabuada. Informações verificadas na análise de memoriais escritos por educandos(as) idosos, cujas práticas de aprendizagem davam-se por meio da tabuada tanto da parte do professor quanto da parte dos alunos, sempre acompanhada da palmatória, motivo de desistência e abandono escolar, mas, também, aprendizado deste conteúdo. Entende-se que estes registros referem-se ao seu contexto educacional, mas orientam a refazer pedagógico das aulas de Matemática, sobretudo no ensino da EJA, pois o professor convive com estas lembranças e reivindicações de educandos adultos e idosos.

Palavras-chave: Memórias. Tabuada. Matemática. Prática docente.

### **INTRODUÇÃO**

Vivemos em uma sociedade em constante crescimento, o aumento da população, principalmente a população idosa, devido ao aumento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade, vem sendo palco de discussões mundiais. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Estima-se que para 2030, 20% da população brasileira terá mais de 60 anos, neste sentido, há projeções que nos países europeus mais desenvolvidos em 2050, 80% da sua população será idosa (MASCARO 2004). Consideramos uma pessoa idosa, aquela de possui idade igual ou superior a 60 anos. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o envelhecimento humano pode ser diferenciado e caracterizado sobre vários conceitos. Segundo Mascaro *apud* Abreu e Wagner (2004), a idade pode ser: Cronológica (marcada pela data de nascimento); Biológica (determinada pela herança genética e pelo ambiente); Idade Social (relacionada a normas, crenças, estereótipos e

demandas sociais) e Idade psicológica (envolve as mudanças de comportamento decorrentes das transformações biológicas). Sendo assim, uma pessoa pode ter diferentes “tempos” e essas idades, não necessariamente, ocorrem simultaneamente.

Uma pessoa pode ter atingido a idade cronológica (60 anos), mas não ter atingido a idade biológica, ou então, ela pode atingir a idade social como por exemplo: aderindo a comportamento ditos de pessoas idosas como o modo de se vestir, falar e não ter atingido a idade cronológica. As questões da velhice são tratadas por alguns autores como uma questão de ‘sentir’, isso vai muito além da idade cronológica. O processo de envelhecimento humano não decorre apenas de um fator ele é mais amplo e precisa ser considerado em um contexto mais geral levando em consideração fatores como: mudanças biológicas, psicológicas, o contexto social, o ambiente em que ele está inserido, dentre outros. Junto com o crescimento da população idosa crescem também as demandas sociais e educacionais.

Atualmente temos uma geração de idosos(as) ativos que mantém a sua capacidade de permanecerem como atuantes mediante as demandas sociais. No contexto atual em que a população idosa seja expressiva, a velhice é percebida por muitos, como sinônimo de fraqueza ou inutilidade, cuja percepção ocasiona formas de exclusão social, descaso, violência, discriminação, isto sendo tipos de violência vivenciada e enfrentada pela maioria dos idosos(as). Nessa perspectiva, o contexto educacional não fica de fora, muitos educandos idosos procuram a educação formal como forma de engajar-se no contexto social, e essa, muitas vezes, também se torna um fator de exclusão, tendo em vista que esta se projeta em função dos jovens.

É preciso superar a falsa ideia de que a pessoa idosa é inútil e incapaz, tornando-se um “peso” para a sociedade. Beauvoir (1990) destaca que é a classe dominante que estigmatiza as pessoas idosas e a população ativa se faz cúmplice dela. Mascaro (2004) menciona que as ideias apresentadas na mídia sobre envelhecimento e a velhice são significativas, pois podem oferecer um ponto de referência para os próprios idosos influenciando seus comportamentos e suas atitudes e também as ideias da criança, jovens e adultos o respeito que significa envelhecer na nossa sociedade.

O idosos(as) apresentam vivências e comportamentos diferentes daquelas típicas dos jovens e dos adultos, mas isso não que são incapazes. A nova geração de idosos(as) é cada vez mais participativos, ativos socialmente, estão presentes na política, na economia, em projetos comunitários, entre outros setores. Isso demonstra um comportamento diferente da geração

anterior. Mas, infelizmente ainda existe uma invisibilidade em torno da velhice. Perena (2012) comenta que “a velhice pode ser objeto de uma construção social da invisibilidade”. Nessa perspectiva, homens e mulheres, quando atingem a idade cronológica da velhice, vão perdendo a visibilidade e tornando-se “esquecidos socialmente” do contexto social e familiar.

Ainda em termos educacionais, ainda vivemos numa sociedade competitiva e segregacionista, pois quanto ao mercado de trabalho e ocupação social, tal sociedade se programa para conduzir os jovens e adultos, jamais os idosos(as). Esses (as) que, por sua vez, trazem consigo uma larga experiência adquirida ao longo dos anos. A troca de experiências intergeracionais é de extrema importância, e um dos ambientes onde essa troca deve ocorrer é a própria escola. Junto com a população idosa cresce a demanda educacional seja em um ambiente formal (normalmente as escolas que possuam a modalidade EJA) ou informal (as universidades abertas à maturidade - UAMAs).

A Educação escolar possibilita a visibilidade diferenciada de idosos(as) na sociedade, tendo em vista tornarem-se atores sociais acessando informações e conhecimentos necessários a sua formação continuada, logo ela tem grande responsabilidade nesse processo, especialmente ao se tratar da disciplina de Matemática, haja vista sua relevância nos níveis educacionais, embora muitos não tenham tido por ela elevada simpatia. A Memória escolar relacionada ao ensino e a prática docente do professor de Matemática em muitos casos ainda é traumática, principalmente em relação à presença do professor em sala de aula. Nesse sentido, surgem algumas questões pertinentes a esta pesquisa: (i) Que conteúdos matemáticos são narrados por educandos idosos(as) em seus memoriais escritos? (ii) Como estes conteúdos dialogam com a prática docente do professor de Matemática na EJA?

Apesar da Matemática percebida por muitos como uma disciplina difícil e, muitas vezes, associada a um ‘monstro’, ela é reconhecida como indispensável no meio social e cotidiano. Isso acontece, principalmente pelo fato dos mesmos não estabelecerem relação da Matemática escolar com a Matemática do uso cotidiano. No entanto, umas das formas de estabelecer essa conexão é o diálogo que sonda, tematiza e problematiza a matemática da vida cotidiana (FREIRE, 2005). Visão próxima as colocações de D’Ambrosio (2012) ao afirmar que o “objetivo do diálogo é criar um ambiente menos inibidor para os ouvintes” da vida cotidiana que possui muitos saberes matemáticos. Este diálogo com a realidade é um indicativo metodológico essencial na aprendizagem da matemática ou qualquer conteúdo (FREIRE, 2005), sendo indispensável à liberdade de aprender, portanto, este autor evidencia

sua importância nas relações interpessoais no processo da aprendizagem ocorrida na escola. Este artigo objetiva analisar memoriais escritos por educandos idosos de um curso de extensão, quanto aos saberes escolares da Matemática, verificando como estes conteúdos dialogam com a prática docente de professores desta disciplina.

Os memoriais são acervos ricos em informações que refletem aspectos de uma marca temporal específicos. O memorial das pessoas idosas da UAMA representa um espaço para que estes relatem a história de suas vidas e que outras pessoas incluindo os pesquisadores, possam conhecê-las e estudá-las com mais profundidade (SILVA e SANTIAGO, 2017). Nessas histórias encontramos indícios sobre o contexto educacional daquela época, tais como a organização do ambiente, as metodologias utilizadas, a forma de avaliação utilizada pelo professor e as demandas de aprendizagem (especificamente em Matemática), essas informações servem como subsídios para se repensar a prática docente do professor.

## **1. METODOLOGIA**

Este trabalho consiste em uma pesquisa documental cujo foco são os memoriais escritos por educandos idosos participantes de UAMA. Ela é um projeto de extensão, criado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que está na ativa desde 2009 atendendo a população idosa de Campina grande e cidades circunvizinhas. O curso tem um total de 1200 horas atuando sobre os eixos: saúde, Saúde e Qualidade de Vida; Educação e Sociedade; Cultura e Cidadania e Arte e Lazer. A UAMA tem como objetivo atender a demanda educativa dos idosos proporcionando-lhes uma melhoria na sua qualidade de vida numa perspectiva inclusiva.

A pesquisa documental é compreendida como um tipo como um tipo de estudo que é baseado em documentos considerados cientificamente autênticos. Apesar de a pesquisa documental abranger uma variedade de documentos, optamos por analisar apenas os memoriais tendo em vista a ter um melhor delineamento da pesquisa. Foram analisados trinta (30) memoriais que foram escritos entre os anos de 2011 a 2015, mas que fazem referência a lembranças de pessoas que nasceram aproximadamente entre as décadas de 30 a 50.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 2.1 SABERES MATEMÁTICOS: Narrativas de idosos(as)

Como norte desta discussão tem-se trechos narrados através dos memoriais. Um desses educandos destaca que: *“Lembro que aprendi as minhas primeiras letras em uma carta do ABC, e os **números com a tabuada** (...)”* A tabuada, naquela época, era o único recurso utilizado para o ensino das operações básicas disponível, a forma como ela era utilizada, em alguns casos, causava traumas, a figura do professor também contribuía para o acontecimento desses traumas. *“(...) tinha o argumento de que de tabuada e quem não soubesse levava bolo de **palmatória**<sup>1</sup>, nas mão e foi lá que eu aprendi a tabuada e nunca mais esqueci! Logo depois fui estudar no grupo escolar São José no centro de lagoa seca, tinha 10 anos e já sabia ler e escrever”*. A tabuada teve início no Brasil durante o império, segundo Valente (2007), a tabuada deveria ser um conhecimento permanente do aluno, sendo que, esse conteúdo deve ser memorizado pelo aluno.

Não acertar as perguntas feitas pela professora era sinônimo de castigo, onde os alunos eram submetidos à palmatória (instrumento quase sempre citado nos memórias sempre quando reportados sobre o tempo escolar). O processo de ensino e de aprendizagem em Matemática era feito de forma mecânica e desprovido de sentido. *“Minha primeira escola era particular (...) com ela aprendi a Carta do ABC<sup>2</sup>, a tabuada e a cartilha do povo(...) . Lembro-me da forma como aprendia, pois esse tempo tinha o argumento de que, que **eram perguntas entre alunos**, fazíamos um ao outro e quando um não respondia correto, tinha a palmatória que servia de castigo na forma de “bolo”, eu levei várias mas também deu os meus colegas que não respondiam certo”*. Com as mudanças na educação, o ensino da tabuada vem ganhando novas formas e novos métodos. Entende-se que seu ensino deva ser pautado não na memorização pura e simples, mas com significado. Mendes e Valente (2017) destacam que tal dispositivo pedagógico atravessa séculos e a cada época ganha diferentes formas e usos significativos. A Educação Matemática, por mais de cinquenta anos esteve pautada na memorização e em se tratando da tabuada, ela era recitada ‘de cabeça’ e de modo cantado. (BACKHUSER, 1946, apud PINTO, 2010).

---

<sup>1</sup> Instrumento de madeira formado por uma haste e um círculo na ponta, durante muito tempo utilizado por professores em sala de aula como forma de castigo, os alunos eram golpeados na mão por este instrumento.

<sup>2</sup> Cartilha utilizada no processo de alfabetização

Em se tratando da figura do professor, ela era bem marcante, a docência era dedicada exclusivamente às mulheres. *“Em Quixadá, estudei na escola particular que era uma casa, a tabuada era aprendida com palmatória, eu tinha uma **professora muito brava**”* Em outro depoimento escrito, encontramos *“(...) era uma pessoa muito mal-humorada. Ela fazia nas sextas-feiras uma sabatina onde todos os alunos participavam, a criança que errasse a tabuada levava um “bolo” com palmatória”* Entendemos que a figura influência na aprendizagem do educando. O aluno sente-se mais disposto a aprender quando ele percebe, na figura do professor, um canal de diálogo, uma troca muita de conhecimentos. *“A professora era muito exigente, pois no 2º ano Primário<sup>3</sup> eu já sabia da **tabuada de multiplicar decorada**”* Mas o é pertinente destacar que, mesmo sob condições traumáticas, muitos educandos relatam, através dos escritos, que até hoje sabem e tabuada ou que agradece os métodos utilizados pelas professoras. *“Também tinha a tabuada e era a pior parte, quando não acertávamos, tinha a palmatória, foi por isto que muitas crianças tiveram **medo de estudar**, existiam muitas **professoras severas**, agiam de forma grosseira, tipo um líder autoritário em sala de aula, ainda bem que isto foi em época passada mesmo assim eu **agradeço a minha primeira professora(...)**”*

Os educandos idosos que já possuem nível superior completo ou incompleto, de certa forma já atingiram um nível de estudo ‘elevado’ e buscam o espaço escolar como forma de ressocialização, da busca pela autoestima, *“E para completar a minha felicidade, participo desse curso para idosos - UAMA que muito contribui para a nossa autoestima para continuarmos vivendo positivamente”* fator também de interesse dos idosos que também buscam a UAMA, mas outros fatores podem estar agregado como a busca de um ambiente educacional como forma de retomar os estudos, recuperar o tempo considerado perdido *“o que me entristece era o fato de ter deixado de estudar... mulher era para se dedicar aos afazeres domésticos e se preparar para ser uma boa mãe e dona de casa”*, tendo em vista que alguns tiveram que afastar-se da escola para cuidar da casa, da família, para trabalhar e buscar seu próprio sustento.

Independente da idade as pessoas idosas ainda anseiam determinada atingir metas em meio educacional, como por exemplo: *“desejo ainda ser muito feliz em minha vida e fazer o ENEM, fazer um curso de história e eu agradeço a Deus e aos meus professores e professoras*

---

<sup>3</sup> Primeiro estágio da educação escolar, hoje é equivalente aos anos iniciais do ensino fundamental



*porque pra mim os senhores são muito importantes e também a UAMA que foi onde eu aprendi muitas disciplinas que eu não compreendia". A UAMA é um projeto de extensão que atende o público idoso, objetivando atender demandas educativas, proporcionando-lhes melhoria na qualidade de vida em termos inclusivos. Essa qualidade de vida pressupõe também melhorar o entendimento sobre o que é velhice. "Hoje vivo uma nova experiência – O envelhecer. Acredito que o objetivo é criar condições para viver mais e com mais qualidade entre as pessoas com que vivemos: os filhos, os netos [...]. O envelhecer é uma oportunidade de saber quem nos ama de verdade."* A velhice é uma etapa única, marcada por mudanças no âmbito geral, nesse sentido, à Educação pode contribuir para a redefinição de um projeto envolvendo uma melhor qualidade de vida dentro de uma perspectiva de inclusão social e favorecendo uma velhice satisfatória. A ideia de que a pessoa idosa é um incapaz ou debilitado vem mudando. Netto (2001) afirma que cada vez mais os próprios idosos estão rejeitando as representações negativas a respeito da idade e vencendo os preconceitos e estereótipos que cercam sua condição, eles buscam novos espaços e novas formas de participação social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A matemática não é algo estático, pelo contrário, ela é dinâmica e está sempre em movimento, sua rotatividade é uma das grandes responsáveis pelo desenvolvimento que se tem hoje. Os conteúdos não são os mesmos, mas a forma como eles são aperfeiçoados e trabalhados em sala de aula ganha cada vez mais destaque. Percebe-se que a tabuada está muito presente nos memórias e essas memórias estão, em alguns casos ligados a momentos traumáticos seja com relação ao método ou com relação à figura do professor, este último, sempre ligado a uma figura autoritário. Compreende-se que as experiências escolares com o uso da tabuada narradas por diferentes sujeitos através dos memoriais podem ser utilizadas pelo professor de Matemática na EJA, não apenas para dinamizar suas aulas, mas contribuir com a aprendizagem dos seus educandos. Considerando a UAMA, entende-se que ela trabalha propostas que voltadas a atualização, valores e atitudes das pessoas idosas, ligadas a atividades sociais e culturais também, o que possibilita a integração dessas pessoas no mundo em constante transformação, contribuindo, de modo concreto para uma melhor qualidade de vida às pessoas idosas e ampliando as discussões sobre a velhice.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

D'AMBRÓSIO, U. **Educação matemática: Da teoria à prática**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FREIRE, P.. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MENDES, I. A.; VALENTE, W. R. **A matemática dos manuais escolares: curso primário, 1890-1970**. São Paulo: LF Editorial, 2017.

NETTO, A. J. Universidade Aberta para a Maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional social. In: KACHAR, V.(org). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, J. M. M. **A escola do riso e do esquecimento: Idosos na educação de jovens e adultos**. Juíz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-014.pdf>. Acesso em 09 de set de 2016

PINTO, N. B. O impacto da educação matemática moderna na cultura da escola primária brasileira. In MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. **A reforma da Matemática moderna em contextos ibero-americanos**. Lisboa: Várzea da Rainha Impressores SA, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova Lisboa, 2010.

SILVA, R.; SANTIAGO, Z. M. A. Memorial escrito e relatos de aprendizagens de pessoas idosas: ressignificação da vida cotidiana. In: RASIA, M. G. R.; MELO, R. A.; SANTIAGO, Z. M. A. **Desenvolvimento humano e educação escolar: enfoques teóricos e práticas educacionais**. João Pessoa: Ideia, 2017.

VALENTE, W. R. **Uma história da matemática escolar no Brasil 1730-1930**. Annablume. 2. ed. São Paulo, 2007.